ceib
CENTRO DE ESTUDOS DA IMAGINÁRIA BRASILEIRA

BOLETIM DO CEIB

Belo Horizonte, Volume 22, Número 69, Março/2018

EDITORIAL

O **Boletim do Ceib** tem o prazer de apresentar, neste número 69, artigo do Dr. Duarte Nuno Chaves, português dos Açores. Ele fez doutorado em Évora e continua fazendo pesquisa sobre a imaginária sacra e sua função social, uma das abordagens de interesse de nossa associação.

Outra boa notícia é que, conforme informação recebida de Dr. Mozart Bonazzi da Costa, que presidiu o IX Congresso Internacional do Ceib, realizado na PUC/São Paulo em 2015, a publicação eletrônica da revista **Imagem Brasileira,** que corresponde aos Anais do IX Congresso já estão em fase final e, em breve, estará à disposição dos autores dos artigos, sócios do Ceib e de outros interessados.

Informamos que economizamos bastante durante todo o ano de 2017 (vejam a Prestação de Contas na página 6), e conseguimos, com recursos próprios, já em 2018, imprimir e enviar para os associados,instituições e confeencistas, os quatro números do **Boletim do Ceib**, (65 e 66, e 67 e 68), que tínhamos disponibilizado apenas em edições digitais. Juntando dois números de cada vez, ficou mais barata a impressão e também o envio pelos Correios. Esperamos que seja uma satisfação para nossos sócios e amigos.

Temos ainda outra informação importante: no dia 26 de outubro de 2018, uma sexta-feira, estaremos realizando mais uma eleição para a diretoria do Ceib, mandato 2018/2020. De acordo com o Estatuto, as chapas com candidaturas deverão ser encaminhas até um mês antes, ou seja até 26 de setembro de 2018. Esclarecemos que fazer parte da diretoria é uma atividade inteiramente voluntária, sem valores a serem recebidos pelos participantes.

OS TERCEIROS E A SUA PROCISSÃO DE PENITÊNCIA

Uma memória Franciscana em S. Miguel, Açores, Portugal, dos séculos XVII a XIX

Duarte Nuno Chaves*

Figura 1: As imagens de vestir da procissão de penitência da Ribeira Grande, década de 1950. Arquivo do Museu Vivo do Franciscanismo.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por base parte de uma investigação realizada no arquipélago dos Açores, aos fenómenos processionais oriundos dos cortejos de penitência Franciscana dos séculos XVII a XIX. Das nove ilhas que compõem este espaço insular, apenas as ilhas de S. Miguel e da Terceira ainda mantêm manifestações processionais provenientes desta época[1]. As manifestações processionais quaresmais tiveram e, continuam a ter, um papel de relativa importância na formação identitária destes povos insulares. Em pleno século XXI estas manifestações de religiosidade católica encontram-se agora incluídas nos roteiros de turismo cultural e religioso, enquanto elemento potenciador da sustentabilidade e promoção das localidades onde as mesmas se encontram inseridas.

Os acontecimentos que a seguir transcrevemos são parte de um estudo de fundo realizado na ilha de S. Miguel, Açores (2012-2016).

Falar da importância da Venerável Ordem Terceira da Penitência no Império ultramarino português, durante a Idade Moderna, é falar de uma dinâmica evangelizadora imposta pela família franciscana a uma escala global com influência direta em quatro continentes.

Particularmente durante os séculos XVII e XVIII, os leigos franciscanos utilizaram os cortejos penitenciais no período quaresmal, como forma de catequização de uma população maioritariamente analfabeta. Estas manifestações descreviam-se pela dramatização litúrgica, utilizando para esse fim um programa iconográfico composto de grupos escultóricos formados principalmente por imagens de vestir, situação que potenciou um fenómeno que se representou pela presença de rituais inerentes ao costume de trajar a escultura sacra, com mantos e vestuário apropriado na caracterização dos quadros processionais. Este fenómeno foi potenciado em Portugal devido ao primeiro Capítulo Geral dos seculares franciscanos, efectuado em Toledo, na

Figura 2: A procissão de penitência na década de 1970. Arquivo do Museu Vivo do Franciscanismo.

Espanha, no ano de 1606, tendo como consequência imediata a difusão dos seus ideais na metrópole, sendo que estes rapidamente se propagam no eixo atlântico, num primeiro momento aos arquipélagos da Madeira e Açores e posteriormente ao Brasil, ainda antes da década de 1620.

O principal préstimo processional dos Terceiros era realizado tradicionalmente na Quarta-feira de Cinzas, ou no primeiro Domingo da Quaresma, período entendido pelos católicos como uma preparação da Páscoa, sendo esta época utilizada pelos leigos franciscanos para historiar e dramatizar o percurso da Ordem Franciscana e do seu patriarca S. Francisco de Assis. A existência Seráfica é narrada num cortejo teatralizado por intermédio de "Atores" trajados a rigor — "As Imagens de Vestir" que representam o percurso do fundador da Ordem desde a entrega da Regra em 1209 até à sua morte em 1226, sendo a sua trajectória de vida aclamada perante uma comunidade de Santos que representam os três ramos da família franciscana[2].

1. A memória das procissões de penitência em S. Miguel. Da origem ao apogeu

Cerca de cento e oitenta anos após a fixação da Ordem Franciscana nos manifestações era potenciado implementação de práticas de penitência colectiva, reflectidas nas procissões da Ordem Terceira da Penitência, provavelmente na ilha de Santa Maria, decorriam os primeiros anos da década de 1620. Nestas manifestações era potenciado muito o uso da imaginária processional, particularmente imagens de vestir, como um elemento catequizador das populações insulares[3].

De um total de cinco, ou eventualmente seis procissões de penitência que se realizaram na ilha de S. Miguel, no período que compreende a segunda metade do século XVII até à primeira metade do século XX, apenas a cidade da Ribeira Grande mantém em atividade, em pleno século XXI, a sua procissão dos Terceiros com origem em 1664. Uma das principais atribuições dos Irmãos da Penitência era a organização das diversas manifestações religiosas na Quaresma, através de funções de carácter litúrgico que anunciavam um tempo de purificação e preparação para o Mistério Pascal. Esta liturgia era composta por cortejos processionais, de entre os quais se destacam as procissões dos Terceiros ou da Penitência, Passos, *Ecce-Homo*, Via- sacra e Enterro do Senhor.

No dia 16 de maio de 1624 a população da cidade de Ponta Delgada, capital da ilha de S. Miguel, saiu à rua para assistir às cerimónias de tomada de hábito dos primeiros irmãos da Ordem Terceira da Penitência, tendo o cortejo percorrido algumas ruas desta cidade em procissão[4]. Este evento poderá eventualmente ter sido a primeira procissão de penitência da Ordem Terceira da Penitência ocorrida nesta ilha. Num livro de inventário desta fraternidade, datado de 1702, é referida uma imagem do "Senhor atado à coluna" que utilizavam na procissão, e uma segunda imagem de "Cristo com a sua túnica". Nesta altura a fraternidade ainda não possuía o tradicional acervo escultórico elucidativo dos principais momentos da Ordem[5]. No mesmo documento existe uma reportação a despesas efetuadas entre 1716/17, na qual são aludidas gastos com a procissão de penitência e as celebrações alusivas a St.ª Isabel, rainha de Portugal .

Figura 3: Preparação das imagens de vestir da procissão de penitência da Ribeira Grande, no ano de 2011. Arquivo do Museu Vivo do Franciscanismo.

Estamos em crer que as primeiras procissões Seiscentistas realizadas em S. Miguel, apenas contariam com a presença escultórica da imagem do Cristo preso à coluna. Esta tese é baseada pelos acontecimentos ocorridos no concelho da Ribeira Grande, em meados do século XVII, em que os leigos franciscanos desta localidade já haviam tentado adquirir no reino uma imagem de "Cristo à coluna" para a sua procissão de penitência. Esta intenção resultou, no entanto, numa adversidade, devido ao ataque de corsários que teriam feito a imagem cativa na viagem de Lisboa para S. Miguel. Numa segunda tentativa, com sucesso, em 8 de Junho de 1664, aporta na costa norte da ilha uma caravela transportando a imagem do "Senhor dos Terceiros", seguindo depois em procissão até à igreja Matriz de N.ª Sr.ª da Estrela, onde esteve até à quinta-feira de *Corpus Cristi* e, na tarde desse mesmo dia, acompanhada pelo povo, seguiu até ao seu destino final, o convento de frades franciscanos desta vila, com invocação a N.ª Sr.ª de Guadalupe[7].

Esta notícia sobre a fraternidade da Ribeira Grande vem alicerçar a tese que as últimas décadas do século XVII ainda seriam um momento de cimentação do movimento terciário na ilha de S. Miguel, pois este importante município

Figura 4: Preparação das imagens de vestir da procissão de penitência da Ribeira Grande, no ano de 2011. Arquivo do Museu Vivo do Franciscanismo.

Figura 5: Procissão dos Terceiros da Ribeira Grande, no ano de 2012. Arquivo do Museu Vivo do Franciscanismo.

micaelense apenas dava os primeiros passos na sua criação, e consequentemente na organização da tradicional procissão de penitência. Só em 1668 os seculares franciscanos vão possuir as condições necessárias à instituição de uma sede no espaço conventual situado no município da Ribeira Grande, devido à construção de capela anexa à Igreja de N.ª Sr.ª de Guadalupe[8].

No concelho vizinho da Lagoa, a fraternidade instituída no convento de invocação a St.º António manteve, ao longo dos séculos XVIII e XIX, uma forte atividade de envangelização, traduzida nas múltiplas procissões que organizava.

É disso exemplo a constante preocupação com a renovação do acervo escultórico da procissão dos Terceiros, ocorrida ao longo do último quartel deste século[9], bem como com os valores despendidos com as solenidades da Quaresma, que apresentavam o gasto executado no orçamento de 1827, com uma verba de 11$200 reis, representando 26% da despesa para esse ano[10]. Já na segunda metade desta centúria, no ano de 1861, é efetuada uma despesa de 8$630 reis, utilizada para a compra de hábitos para a procissão e para a imagem de Sto. Ivo[11].

A prática de "tomar a disciplina" pelos irmãos terceiros, da qual fazia parte o açoitamento e a autoflagelação em público, bem como o uso de crânios humanos, coroas de espinhos e cruzes utilizadas como adereços cénicos durante a procissão, passam a ser um costume comum neste tipo de manifestação pública, condizente, aliás, com o seu caráter de movimento penitente. As investigações realizadas pelo Pe. João José Tavares (1860-1930), no decorrer das primeiras décadas do século XX aos arquivos presentes nas igrejas do concelho da Lagoa, associadas à sua vivência religiosa iniciada no final da década de 1870, apontam-nos alguns indícios na forma de estruturação destas procissões na segunda metade do século XIX.

Fruto das diversas viagens empreendidas por naturalistas aos Açores nos séculos XVIII e XIX, chegam-nos alguns olhares sobre a vivência nas ilhas durante este período, particularmente na ilha de S. Miguel. Estas descrições são efetuadas com base na metodologia científica da época, sendo publicados estudos descritivos não só da geologia e botânica da ilha, mas também temáticas relativas ao modo de vida das populações, com relato da sua agricultura, comércio e costumes sociais. É nesta perspetiva que os irmãos Joseph e Henry Bullar vão realizar uma visita a S. Miguel, durante 8 meses, com início a 6 de Dezembro de 1838. É através desta obra que nos chega uma descrição pormenorizada do ritual utilizado pelos Terceiros de Vila Franca do Campo, no decorrer de uma das suas procissões de penitência.

Em relação a esta descrição, será de registar que o evento em causa acontece precisamente seis anos após a expulsão das Ordens Religiosas dos Açores, devido à legislação Liberal de 1832/34, pelo que não é relatada a presença de frades no decorrer da solenidade. A descrição está centrada em dois momentos, o religioso, da celebração litúrgica no interior da igreja, e o secular, no qual o acervo escultórico acompanhado pelo contingente de irmãos terciários percorre as ruas da localidade praticando atos de mortificação perante os olhares da população.

O livro retrata de forma primorosa a visão que estes dois viajantes desfrutaram do interior da igreja durante o sermão, achando-se a ação descrita como se de uma representação teatral se tratasse, onde os atores apresentavam papéis bem definidos. A celebração solene da missa era dirigida por um reverendo, descrito como possuidor de uma expressão intelectual, situação pouco comum na generalidade dos clérigos referenciados

Figura 6: Saída da imagem do Senhor Santo Cristo dos Terceiros.

pelos autores ao longo desta obra. O templo estava repleto de crentes, realçando-se que a componente feminina se encontrava em maior número, em contraposição à representação masculina, que se achava representada essencialmente por *"homens idosos ou de idade madura e de rapazitos"*[12]. As mulheres, interpretadas maioritariamente por elementos de condição social inferior, envergavam o tradicional traje de capote e capelo, situação que segundo os autores originava um cenário único, constituído por capelos azuis-escuros com um lenço escarlate ou amarelo[13]. É ainda de destacar nesta descrição a organização no interior da igreja, feita de forma hierárquica, onde as senhoras da "nata da sociedade" se deparavam diferençadas por um vestuário distinto, envergando mantos e cabeças cobertas por "chapéus ingleses", e posicionadas de forma discreta no interior do templo *"felizmente para o bom efeito da cena"* [14].

2. Da decadência à extinção

O período a que corresponde à narração efetuada pelos irmãos Bullar, acontece num momento de viragem para a importância que estas manifestações processionais passariam a ter no calendário litúrgico dos católicos micaelenses, acabando estas por decair no interesse demonstrado pela população em geral, nomeadamente ao longo da segunda metade desta centúria. Socorrendo-nos novamente do trabalho do Pe. João José Tavares, verificamos que os penitentes já não se incorporavam no cortejo penitencial do concelho da Lagoa no ano de 1862, pois os sacos dos profetas e dos penitentes foram vendidos em 1861 por 9$500 reis. Para o ano de 1864, o investigador Joaquim Cândido Abranches, na publicação *Álbum Micaelense*, informa que os penitentes *"vestidos de saco e com uma cruz ás costas"* foram proibidos de participar na procissão de penitência dos irmãos Terceiros em Ponta Delgada[15]. Apesar destas restrições ao cortejo penitencial em 1892, o *Diário dos Açores* noticiava a realização da procissão dos Terceiros[16]. Em 1894 Francisco Maria Supico, importante jornalista e intelectual da época, na sua publicação periódica, intitulada de *Persuasão*, efetua o seguinte comentário: *"Sexta-feira começam os Sermões de Penitência, em S. José. Este ano deixa de fazer-se a procissão denominada de Terceiros"*[17].

As notícias fornecidas por João José Tavares, Joaquim Cândido de Avelar e José Maria Supico não correspondem, quanto a nós, ao término destas procissões nos concelhos de Lagoa e Ponta Delgada, como se poderia supor numa primeira leitura das suas notas históricas. Estas realidades representam antes, uma demonstração da diminuição e consequente supressão das ações de mortificação expressas ao longo dos cortejos. Aliás, Tavares descreve o desprendimento com que alguns terciários se posicionavam durante os momentos de piedade popular e penitência decorridos no passar das procissões: *"Alguns deles iam tão pouco compenetrados do seu papel, que dirigiam gracejos aos espectadores, incutindo medo às crianças e às mulheres (…)"*[18]. Se efetuarmos uma breve leitura pelos periódicos da época, facilmente se constata que estas procissões ainda se mantiveram em atividade até ao final

Figura 7: Trabalhos de conservação preventiva no Museu Vivo do Franciscanismo, 2009. Arquivo do Museu Vivo do Franciscanismo.

Figura 8: O interior do Museu Vivo do Franciscanismo na cidade da Ribeira Grande, (2018). Arquivo do Museu Vivo do Franciscanismo.

do século XIX, no caso lagoense, e irrompendo até meados do século seguinte como aconteceu com a procissão realizada na cidade de Ponta Delgada.

Com o expirar do século XIX, todas as fraternidades da Ordem Terceira na ilha de S. Miguel apresentam um ponto em comum, a falta de identidade franciscana no interior destas organizações, potenciadas por uma progressiva descaraterização das suas manifestações públicas, que vão culminar com uma lenta e agoniante extinção da estrutura terciária, deixando, em pleno século XX, ao abandono grande parte do seu património.

3. A procissão dos Terceiros de Ribeira Grande - A difusão de uma memória no Séc. XXI.

A cidade da Ribeira Grande, na costa norte da ilha de S. Miguel, representa na atualidade o último ponto de identificação com as tradições franciscanas de paramentar e ostentar a imaginária sacra em cortejos processionais, neste espaço insular. A responsabilidade de organização da procissão dos Terceiros encontrou-se a cargo dos leigos franciscanos de 1664 até à década de 1930, situação comprovada pela observação dos livros de receita e despesa relativos ao século XIX, e às atas da Mesa existentes até meados do século seguinte. A contabilidade da fraternidade da Ordem Terceira da Ribeira Grande dá-nos informações precisas, e confirmam os gastos com as solenidades religiosas até ao ano económico de 1931/32, época em que já não encontrámos nenhuma rubrica específica para gastos com celebrações religiosas. Paralelamente aos analisarmos o Fundo da Ordem Terceira, depositado no arquivo municipal desta cidade micaelense, deparámo-nos com documentos avulsos confirmando que, em 1939, já não competia à Mesa Administrativa da Ordem Terceira a organização das cerimónias da sua principal procissão, já que os custos com a realização do evento passam a ser suportados por uma subscrição pública da responsabilidade da Comissão Organizadora da Procissão dos Terceiros, que era constituída por elementos que não constavam da última lista de Irmãos datada de 1946. Devido a estes dados, concluímos que a extinção dos seculares franciscanos acontece em meados do século XX nesta localidade de S. Miguel.

O encargo na organização da procissão dos Terceiros passou desde meados da década de 1950 para a misericórdia local, sendo essa tarefa repartida, já na centúria seguinte, desde o ano de 2013, com o entretanto criado Museu Vivo do Franciscanismo, sediado no antigo convento franciscano da Ribeira Grande. Apesar da religiosidade do povo açoriano, a associação efetuada entre as novas entidades responsáveis pela realização do préstimo processional, resulta numa lógica de sustentabilidade cultural do Centro Histórico da Ribeira Grande, inserido nos dias de hoje numa dinâmica de cartaz turístico.

Quanto ao acervo escultórico desta procissão, continua a estabelecer uma forte atividade de mediação cultural junto da sociedade local, nomeadamente no primeiro domingo da Quaresma, altura em que as imagens são resgatadas pela comunidade para saírem em cortejo, regressando ao museu no fim da solenidade. Esta realidade contraria o conceito "estanque" da musealização, no qual os objetos são privados da sua função original, imbuídos de novos significados, já que as imagens de vestir da procissão de penitência da Ribeira Grande mantêm, em permanência, o seu significado original aglutinado ao novo significado museológico.

NOTAS E REFERÊNCIAS

[1] O arquipélago dos Açores, situado no Atlântico Norte, é constituído por nove ilhas, reunidas em três grupos geográficos: grupo Oriental, composto por Santa Maria e São Miguel; grupo Central, por Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial; e grupo Ocidental, por Flores e Corvo. O ponto mais oriental do arquipélago dista aproximadamente 1300 km da costa europeia e africana e no seu ponto mais ocidental aproximadamente 2000 Km do continente americano.
Na atualidade, um dos principais centros políticos e económicos do arquipélago está constituído na ilha de S. Miguel, sendo aliás a sede do Governo Regional dos Açores. A ilha, com uma população residente de 137.699 habitantes (246.102 habitantes em todo o arquipélago).

[2] Cf. CHAVES, Duarte Nuno. 2018. *AS IMAGENS DE VESTIR DA PROCISSÃO DOS TERCEIROS: Um legado patrimonial franciscano em S. Miguel, Açores, Séculos XVII a XXI*. Ribeira Grande, Museu Vivo do Franciscanismo.

[3] Cf. CHAVES, Duarte Nuno. 2013. *Os Terceiros e os seus "santos de vestir": Os últimos guardiões do património franciscano na cidade da Ribeira Grande, S. Miguel Açores*. Ribeira Grande, Câmara Municipal da Ribeira Grande, 2013.

[4] Cf. Arquivo Paroquial de São José (APSJ),*Livro de Profissões da Venerável*

Ordem Terceira da Penitência de Ponta Delgada, com auto de abertura de 1624: fl. 3.

[5] Cf. APSJ, *Livro de Inventário da Venerável Ordem Terceira da Penitência de Ponta Delgada*, de 1702 a 1766.

[6] Idem: fl. 88.

[7] Cf. CHAVES, Duarte Nuno. 2013. *Os Terceiros e os seus "santos de vestir": Os últimos guardiões do património franciscano na cidade da Ribeira Grande, S. Miguel Açores*. Ribeira Grande, Câmara Municipal da Ribeira Grande, 2013: 90.

[8] Cf. Arquivo Municipal da Ribeira Grande (AMRG), Fundo da Ordem Terceira, *Cópia de Público Instrumento de Doação* de 15-02-1668.

[9] Cf. TAVARES, João José (P.e). 1979. *A Vila da Lagoa e o seu Concelho: Subsídio para a sua história*. F. Carreiro da Costa (coord.), Ponta Delgada, Câmara Municipal da Lagoa.

[10] Cf. Arquivo Paroquial de Santa Cruz (APSC), *Livro de contabilidade da Ordem Terceira da Lagoa -1825 a 1883* : fl.19.

[11] Cf. APSC, *Livro de contabilidade da Ordem Terceira da Lagoa - 1825 a 1883*: fl 54.

[12] Cf. BULLAR, Joseph e Henry. 2001. *Um inverno* nos Açores *e um verão no Vale das Furnas*. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada:96-97.

[13] *Idem ibidem*.

[14] *Idem ibidem*.

[15] Cf. ABRANCHES, Joaquim Cândido. 1869. Álbum *Michaelense* Ponta Delgada, Typ. de Manoel Corrêa Botelho.

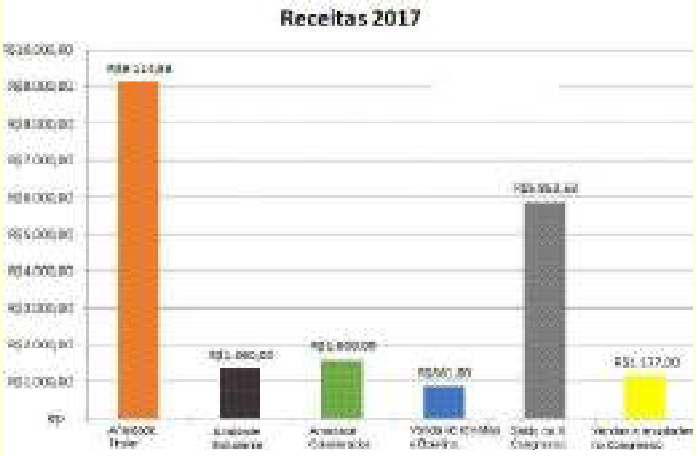
[16] *"No domingo, 6 do próximo mez de Março, de tarde, sairá da egreja de S. José a procissão dos Terceiros, feita a expensas da Ordem de S. Francisco, ereta na mesma egreja. Pregará o reverendo sr. João Jacintho de Sousa, cura em Rabo de Peixe."* Cf. *Diário dos Açores*, nº 325, de 19-02-1892.

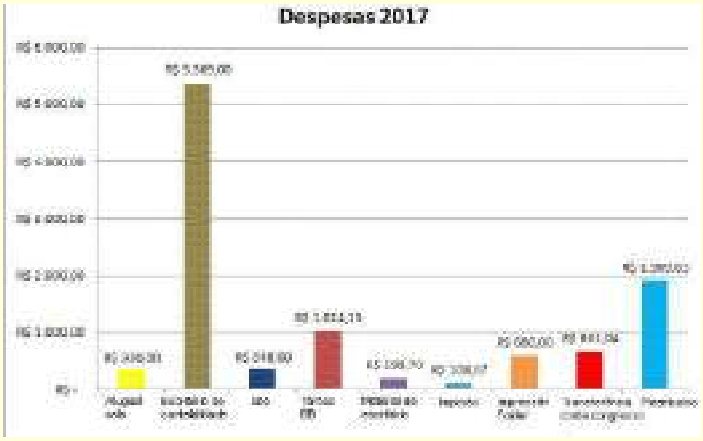
[17] Cf. *A Persuasão*, 7 de fevereiro de 1894.

[18] Cf. Tavares, 1979: 216.

PRESTAÇÃO DE CONTAS - 2017

CENTRO DE ESTUDOS DA IMAGINÁRIA BRASILEIRA - CEIB





Total de Receitas: R$19.976,49

Total de Despesas: R$10.544,21

Obs. O reembolso corresponde a despesas do Ceib pagas pela presidente, enquanto o Banco do Brasil não autorizava a reabertura da conta. Motivo: nova diretoria

*** Duarte Nuno Chaves** é professor convidado da Universidade dos Açores, Pesquisador Integrado do CHAM – Centro de Humanidades e Consultor científico do Museu Vivo do Franciscanismo. Bolsista de pós doutorado do Fundo Regional de Ciência e Tecnologia do Governo Regional dos Açores.

OBS. : O texto e normatização foram mantidos em português de Portugal, conforme o original do autor.

Figura 9: Mapa dos Açores, Portugal.

CEIB

Presidente de Honra: Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira; Presidente: Beatriz Coelho; Vice-Presidente: Maria Regina Emery Quites; 1º Secretário: Agesilau Neiva Almada; 2º Secretário: Fábio Zaratini; 1ª Tesoureira: Daniela Cristina Ayala; 2ª Tesoureira: Carolina Maria Proença Nardi.

ENDEREÇO

Avenida Antônio Carlos, 6627
31.270-091, Belo Horizonte, MG
Tefefone: + 55 31 3409-5290
E-mail: ceibimaginaria@gmail.com
Site: www.ceib.org.br

BOLETIM

ISSN:1806-2237

Projeto gráfico, arte e editoração: Helena David (*In memoriam*) e Beatriz Coelho;
Revisão: Agesilau Neiva Almada, Maria Regina Emery e Daniela Ayala.
Tiragem 300 exemplares;
Periodicidade: quadrimestral.
*Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião do **BOLETIM DO CEIB**.*

É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte.